

Cerâmicas vermelhas finas não-vidradas do Mosteiro de S. João de Tarouca¹

Ana Sampaio e Castro* e Luís Sebastian**

Palavras-chave

Mosteiro de S. João de Tarouca; cerâmica vermelha fina não-vidrada; século XVII.

Keywords

S. João de Tarouca monastery; Unglazed thin red ceramic; XVIIth century.

Resumo

Apresenta-se um conjunto de peças de cerâmica vermelha fina não-vidrada encontrada na intervenção arqueológica no mosteiro cisterciense masculino de S. João de Tarouca (Tarouca, Viseu). A sua cronologia insere-se na segunda metade de século XVII, sendo um grupo bastante reduzido quando comparado com o restante espólio cerâmico.

Abstract

This paper refers to a group of ceramics called unglazed thin red ceramics, found in the archaeological intervention in the male cistercian monastery of S. João de Tarouca (Tarouca, Viseu). The chronology of these ceramics dates the last half of the 17th century and shows a small group when compared with the rest of the ceramics.

* Mestre em Arqueologia pela FCHS, Universidade Nova de Lisboa

** Arqueólogo, Direcção Regional de Cultura do Norte

¹ O conteúdo do actual texto corresponde à comunicação apresentada em 5 de Junho de 2004 no 5º Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos, com comunicação escrita elaborada em 2006.

1. Contextualização

O conjunto de peças aqui apresentado, proveniente da intervenção arqueológica no mosteiro cisterciense masculino de S. João de Tarouca, corresponde à totalidade do reduzido grupo destes materiais exumados entre Abril de 1998 e o ano de 2007. Este carácter reduzido salienta-se tanto mais pelo facto de o universo cerâmico total recolhido ser excepcionalmente vasto, impondo-se portanto estes materiais pela sua excepcionalidade quantitativa.

Optamos aqui pelo não excessivo desenvolvimento da contextualização arqueológica visto a profusão de artigos já publicados relativamente a este tema². Apontamos, assim, como indicador principal o facto de o grupo aqui denominado, em termos gerais, como cerâmicas finas vermelhas não-vidradas, encontrar-se, na sua grande maioria, em contextos arqueológicos pertencentes ao primeiro quartel de século XVIII, embora correspondendo na totalidade a camadas de aterro colocadas para elevação de pisos, de entre os quais se destaca o terraplano das latrinas medievais, já desactivadas no início do século XVII, passando então pelo desmantelamento parcial da parede central das latrinas, divisória das águas correntes (Sebastian e Castro, 2007:153; Castro e Sebastian, 2006:132-133).

Assim, ainda que constituindo materiais quase que residuais no universo cerâmico exumado, a concordância dos seus circunscritos contextos de recolha constituem um interessante indicador, apontando a sua provável cronologia de fabrico algures na segunda metade de século XVII, considerando um período de utilização que, sobretudo em alguns exemplares de claro uso não quotidiano, teria sido relativamente prolongado. A reforçar esta ideia, encontra-se a recolha associada de faianças da segunda metade de seiscentos, deixando assim verter a

sua cronologia, largamente comprovada ao longo da escavação em curso, para estes materiais, mais parcos de identificação e registo.

Excepcionalmente a peça representada na figura 16 é o único exemplar encontrado em contextos cronológicos de deposição da segunda metade de século XVII, mais concretamente numa das áreas de lixeira da cozinha, amplamente comprovada na sua cronologia pela abundância da cerâmica exumada, genericamente caracterizável por materiais de utilização diária na confecção e armazenamento de alimentos na cozinha, mas, sobretudo, por faianças de consumo no refeitório.

Paradigmaticamente, dentro da leitura acima feita para algumas peças de clara utilização não quotidiana, ao seu carácter de peça única juntamos o facto de entendermos tratar-se de um exemplar de função meramente decorativa, podendo-se-lhe portanto associar uma utilização, por princípio, mais prolongada no tempo, divergente dos restantes materiais de uso corrente e maioritários neste contexto de recolha, impondo por isso o momento do seu fabrico como mais provável na primeira metade de seiscentos.

Como indicador de concordância, atente-se ao facto desta peça apresentar várias diferenças relativamente aos restantes grupos identificados, nomeadamente ao grupo de pasta 2, tipo 4 (Fig. 12 e 13) que também apresenta ornamentação recorrendo a elementos em quartzo, é divergente quanto à pasta, tratamento de superfícies, decoração e forma, salientando-se a presença de elementos micáceos na sua composição e vestígios de quartzo róseo no seu empedrado.

2. As cerâmicas finas vermelhas

Do universo cerâmico recolhido na intervenção arqueológica, as cerâmicas finas vermelhas representam apenas cerca de 0,1%, com 320 fragmentos. Esta denominação engloba um grupo de cerâmica com características muito

² Para a obtenção de informação complementar sobre os resultados obtidos na intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca, apontam-se os principais textos na bibliografia anexa.

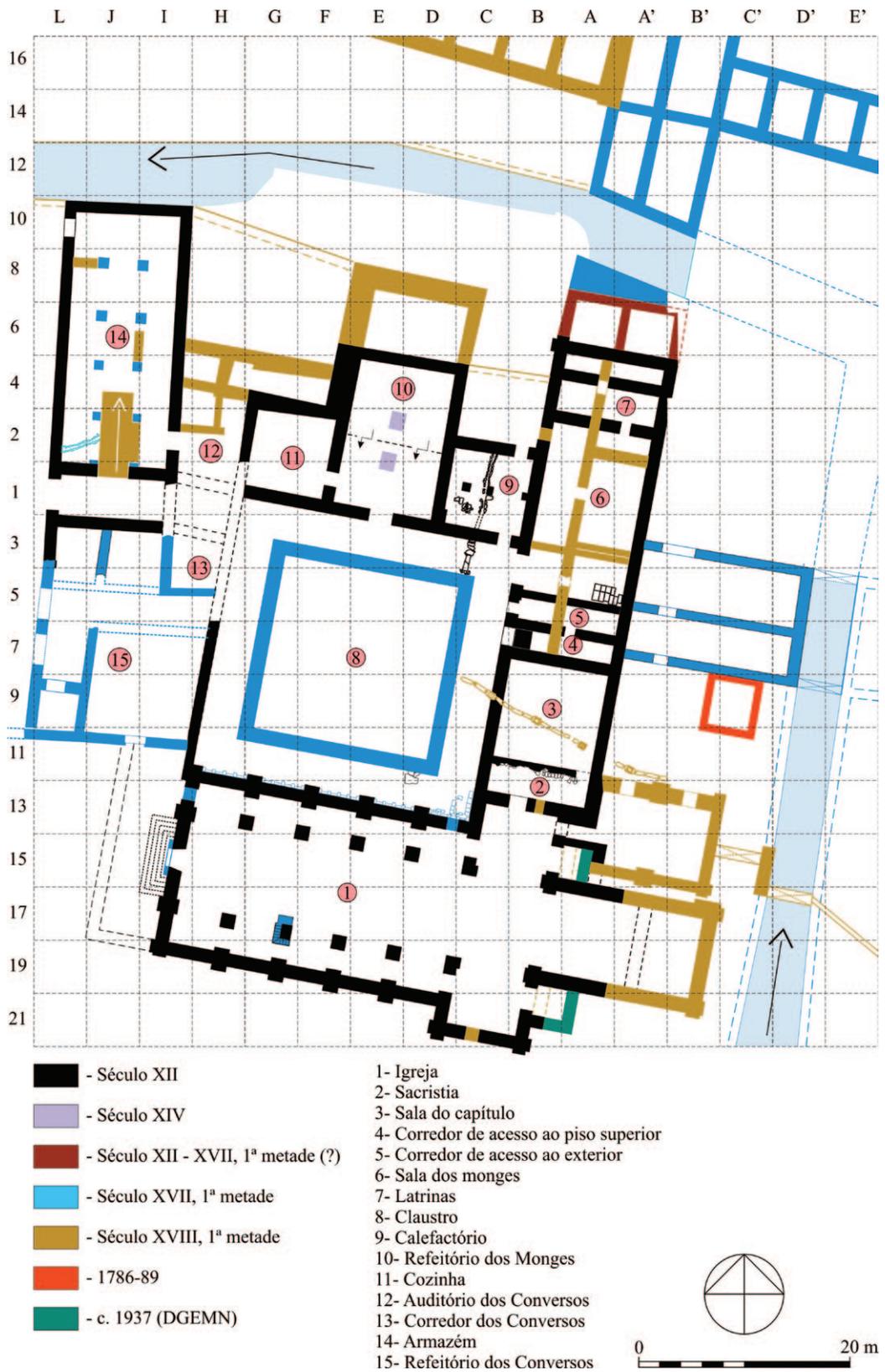


Figura 1. Mosteiro de S. João de Tarouca – Planta cronológica (L. Sebastian; A. S. e Castro).



Figura 2. Peças 205, 257 e 261 (A. Cabeço).

próximas, tanto a nível formal como decorativo ou funcional.

A maioria dos fragmentos exumados não nos permite uma identificação das formas usadas, contudo, aqueles que conseguimos reconstituir, são geralmente taças simples ou de pé alto e púcaros³, com paredes muito finas entre 2 a 3 mm de espessura.

A decoração é diversificada, sendo composta por técnicas decorativas plásticas representando a figura humana, anjos e motivos vegetalistas, invariavelmente associados a incisões (Figura 2). Contudo, em alguns casos, figurando cartelas decoradas com punções internas ou externas, estas incisões parecem estar ausentes. Identificaram-se, ainda, dois fragmentos que apresentam decoração incisa e pintada a branco, não nos possibilitando reconhecer a forma (Fig. 3). Uma última técnica decorativa é representada pelas peças com incrustações com quartzo (Fig. 4), sendo constituídas por três exemplares, onde

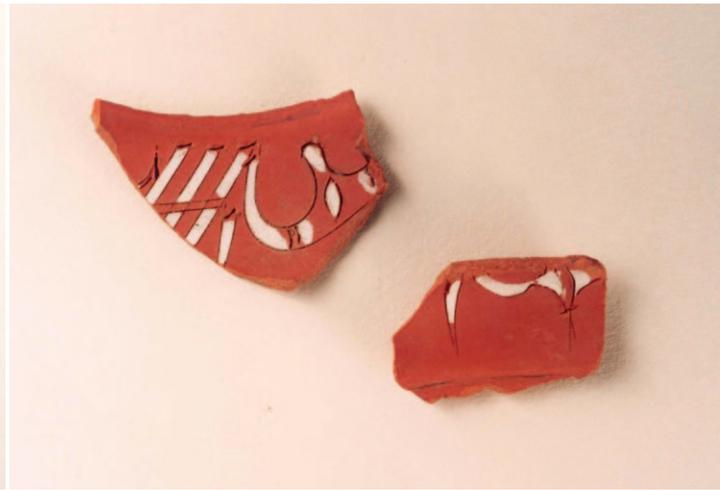


Figura 3. Peça 251 e peça 252 (A. Cabeço).

predominam as incisões e, num só exemplar, uma imitação de musgo (Vasconcellos, 1988:59) (Fig. 5).

Em termos funcionais este grupo é caracterizado pela sua não utilização na confecção e armazenamento de alimentos, tanto pela ausência de marcas de fogo como pela sua excessiva expressão decorativa ou fragilidade. De facto, são várias as referências literárias à utilização destas peças, Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*ob. cit.*) cita diversos extractos, nos quais surgem, quase sempre, duas funções associadas – beber água e conter doces, existindo também uma ligação às classes mais abastadas⁴. Na iconografia seiscentista estas peças são representadas em cenas da vida quotidiana, ligadas às funções já referidas ou com usos meramente decorativos, como é o caso das naturezas mortas de Josefa de Óbidos ou dos Bodegón de Francisco de Zurbarán, Juan Van der Hamen e Francisco de Palácios.

³ A utilização desta designação prende-se com as peças descritas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1988) e Jan M. Baart (1992).

⁴ Na visita que Filipe II fez a Portugal, em 1581, presenteou as filhas com púcaros de Estremoz (Baart, 1992:273). Também Charles Lepierre (1899:79) refere: “No século XVII as damas fidalgas espanholas e portuguesas *comiam* a argila finíssima de Estremoz, a tal ponto que o fisco teve de intervir para obstar a esta singular mania, cuja consequência mais evidente era a obstrução do estômago, dos intestinos e o empalidecimento”.



Figura 4. Peça 2490 (L. Sebastian)



Figura 5. Peça 286 (A. Cabeço).



Figura 6. Anunciação, de Gaspar Vaz, datada da primeira metade de quinhentos, onde é visível uma jarra com flores (A. S. e Castro).



Figura 7. Pintura, de autor desconhecido, do espaldar do arcaz da sacristia do primeiro quartel de século XVIII, representando S. Bernardo no seu leito de morte, onde é visível um unguentário de cerâmica fina vermelha (A. S. e Castro).

Na igreja do Mosteiro de S. João de Tarouca existem duas pinturas com reprodução de cerâmica fina vermelha. A primeira, localizada no primeiro altar da nave lateral Sul, representa a Anunciação de Gaspar Vaz, datada da primeira metade de quinhentos (Costa, 1992:21), onde figura uma jarra com flores (Fig. 6). A segunda, situada na sacristia do primeiro quartel de século XVIII, representa a vida de S. Bernardo, onde num dos painéis, de autor desconhecido, figura o santo no seu leito de morte com um unguentário de cerâmica fina vermelha a seu lado (Fig.7).

2.1. Grupos de pasta e de fabrico

No sentido de identificar os vários subgrupos pertencentes ao grupo das cerâmicas vermelhas finas não-vidradas, seleccionamos uma terminologia baseada em critérios tecnológicos (Alarcão, 1974:21; Castro, 2009:63-64), confrontando os diversos grupos de pastas e fabricos com a finalidade de alcançar uma caracterização cultural (Sebastian e Castro, 2008:2-4; Castro, *ob. cit.*: 65).

A divisão por pastas, identificada por um número, foi efectuada macroscopicamente segundo os seguintes critérios (Castro, *ob. cit.*: 66): cor⁵, elementos não plásticos⁶ e dureza⁷. À sua subdivisão em grupos de fabrico, à qual corresponderia por princípio metodológico uma letra, presidiu os seguintes factores: tratamento de superfície⁸, formas⁹ e decoração¹⁰. Contudo, em virtude das limitações da amostra em estudo, constatou-se que a cada grupo de pasta apenas

correspondeu um grupo de fabrico, pelo que a soma da letra, relativo ao grupo de fabrico, ao número do grupo de pasta resultaria numa supérflua redundância. Portanto, optou-se aqui excepcionalmente por referenciar os grupos identificados apenas pelo seu número de grupo de pasta, quebrando com a nomenclatura convencional para o estudo da totalidade dos materiais cerâmicos em estudo na intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca.

Após esta subdivisão, a disposição das peças pertencentes a cada grupo de pasta, e logo a cada grupo de fabrico correspondente, foi efectuada por tipos, a que foi atribuído um número sequencial, equivalendo cada tipo a um grupo de peças coerentes nas suas especificidades premeditadas e consideradas pela função, forma e decoração (Castro, 2009:72-77).

Destas acções resultou a definição de quatro grupos de pasta:

- O grupo de pasta 1 engloba as pastas de cor vermelha (Munsell 2.5 YR 5/8), com média frequência de e.n.p. e de pequeno calibre, não se identificando o seu grau de arredondamento pela análise macroscópica. Pasta compacta.
- O grupo de pasta 2 compreende as pastas de cor alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/8), com média frequência de e.n.p. de pequeno calibre, não se identificando o seu grau de arredondamento pela análise macroscópica. Pasta compacta.

⁵ Consideramos a cor em relação à Tabela de cores Munsell.

⁶ Os elementos não plásticos são descritos da seguinte forma: grau de arredondamento, simplificando para arredondados ou angulosos (Orton, Tyers e Vince, 1993:239; Castro, 2009:67); frequência, dividindo-se em pequena (até 3%), média (de 3% a 5%) e grande (mais de 5%) (Rice, 1987:349; Castro, *ob. cit.*:67); calibre, decompondo-se em pequeno (até 0,5 mm), médio (de 0,5 a 1 mm) e grande (mais de 1mm) (Castro, *ob.cit.*:68).

⁷ A dureza da pasta foi examinada de forma relativa: pouco compacta, compacta e muito compacta (Orton, Tyers e Vince, 1993:233).

⁸ O tratamento de superfície teve em conta os seguintes critérios: rugoso, alisado, polido, brunido e engobado (Vilaça, 1995:49).

⁹ Tentamos recorrer às denominações presentes na bibliografia consultada.

¹⁰ Os critérios definidos foram baseados nas seguintes técnicas: pintada, incisa, plástica e brunida (Vilaça, 1995:50-51) aos quais acrescentamos a "punção".

- O grupo de pasta 3 é de cor avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/8) com cerne cinzento (Munsell 2.5 YR 5/1), com média frequência de e.n.p. em quartzo, angulosos e de pequeno calibre, embora existam alguns e.n.p. de médio calibre distribuídos uniformemente por toda a peça. Pasta muito compacta.
- O grupo de pasta 4 é de cor alaranjada (Munsell 2.5 YR 6/8), com média frequência de e.n.p. de pequeno calibre, não se identificando o seu grau de arredondamento pela análise macroscópica. Pasta pouco compacta.
- O grupo de pasta 5 é de cor vermelha (Munsell 2.5 YR 5/8), com média frequência de e.n.p. em quartzo, angulosos e de pequeno calibre, embora existam alguns e.n.p. de médio calibre distribuídos uniformemente por toda a peça. Pasta compacta.

O grupo de pasta 1, tal como os grupos de pasta 2, 3 e 4, é cronologicamente enquadrável na segunda metade de século XVII, apresentando como características de fabrico a superfície interna e externa brunidas, de cor vermelha (Munsell 2.5 YR 4/8), apresentando decoração incisa, ou punções externas. Devido à elevada fragmentação do conjunto, no que às formas diz respeito, só nos é possível observar a existência de púcaros (Figura 8, 9 e 10). Este grupo é comumente designado de terra sigillata por diversos autores (Baart, 1992:273; Lepierre, 1899: 79-80; Ribeiro, 1961:3-7; Vasconcellos, *ob. cit.*), devido às suas semelhanças com o tipo de cerâmica homónimo datável da época romana. O centro produtor é geralmente apontado como sendo em Estremoz e, segundo Margarida Ribeiro (Ribeiro, *ob. cit.*), em Nisa.

O grupo de fabrico pertencente ao grupo de pasta 2 apresenta as superfícies engobadas de cor avermelhada (Munsell 2.5 YR 5/8), tendo decoração incisa, plástica, pintada e incrustações com quartzo, sendo as formas

mais representativas as taças de pé e os púcaros. Este grupo, pertencente à segunda metade de seiscentos, subdivide-se em quatro tipos: 1, 2, 3 e 4. O tipo 1 é representado por taças de duas asas, com decoração incisa e plástica formando motivos vegetalistas, formas humanas e anjos (Fig.s 11, 12, 13, 14, 15 e 16). O tipo 2 tem formas indefinidas, pois o número de fragmentos é muito reduzido, sendo a sua decoração representada por cartelas contendo círculos incisos e punções externas ou internas (Fig.17). O tipo 3 apresenta apenas dois fragmentos (Fig.s 18 e 19), de forma indefinida com decoração por dupla incisão, complementada com tinta branca. Este tipo encontra paralelos na cerâmica exumada por Jan Baart (*Ob. cit.:277*), no bairro judeu sefardita de Amesterdão. O último tipo, designado por 4, exhibe uma peça e um fragmento. A primeira é uma taça de pé com um perfil duplo e decorada, no interior, com incisões e incrustações nas espessuras das paredes com quartzo leitoso, com cerca de 5 mm (Figura 20). O segundo fragmento deverá pertencer, de igual modo, a uma taça, apresentando decoração com incisões, incrustações nas espessuras das paredes com quartzo leitoso, de cerca de 5 mm de comprimento por 2 mm de largura, e ainda com musgado¹¹ no seu interior (Fig. 21).

O grupo de fabrico pertencente ao grupo de pasta 3 é caracterizado pela superfície externa apresentar engobe de cor vermelha (Munsell 2.5 YR 4/8), conquanto a superfície interna se apresenta apenas alisada. A decoração é incisa formando motivos vegetalistas (Fig.s 22, 23, 24 e 25). As duas peças inseridas neste grupo são semelhantes à taça tulipiforme de pé alto encontrada na Ria de Aveiro B, infelizmente sem contexto arqueológico (Alves *et alii*, 1998:206).

O grupo de fabrico pertencente ao grupo de pasta 4 encontra-se muito fragmentado e rolado, não nos permitindo uma leitura formal dos fragmentos. Porém, observamos a existência de vestígios de engobe de cor avermelhada

¹¹ Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1988:59) refere que “os oleiros de Estremoz (...) revestiam-nos de filamentos ou plantas aquáticas de barro, imitando musgo”.

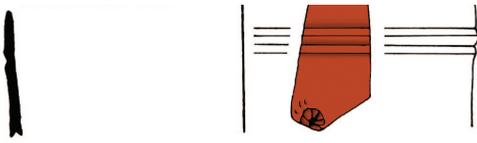


Figura 8. Peça 225 (L. Gonçalves Pereira).

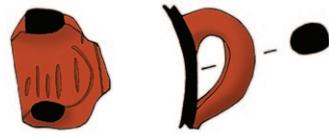


Figura 9. Peça 209 (L. Gonçalves Pereira).

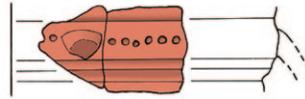
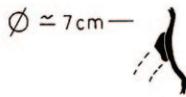


Figura 10. Peça 285 (A. Palma).

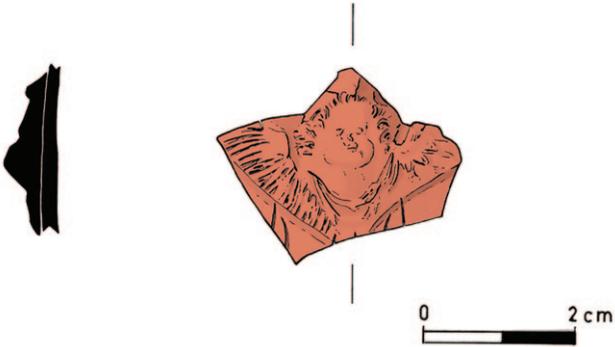


Figura 11. Peça 261 (L. Sebastian).

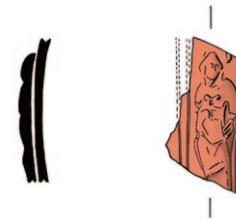


Figura 12. Peça 257 (L. Gonçalves Pereira).

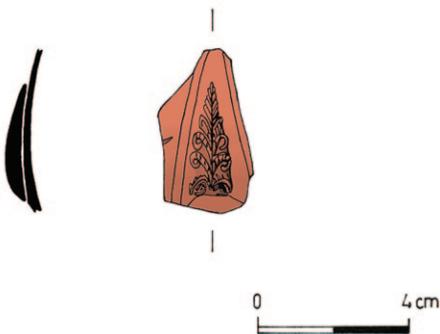


Figura 13. Peça 205 (L. Gonçalves Pereira).

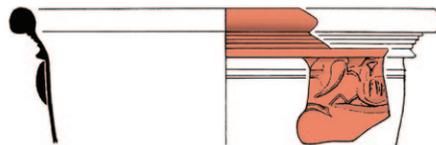


Figura 14. Peça 196 (L. Gonçalves Pereira).

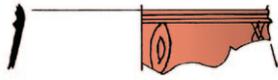


Figura 15. Peça 233 (A. Palma).

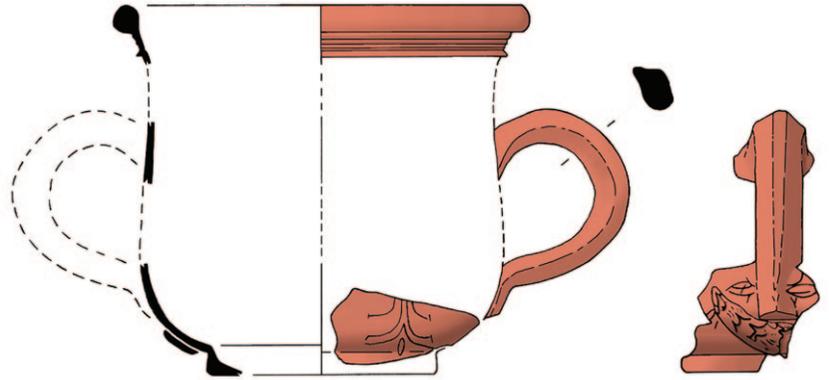


Figura 16. Peça 1147 (A. S. e Castro).

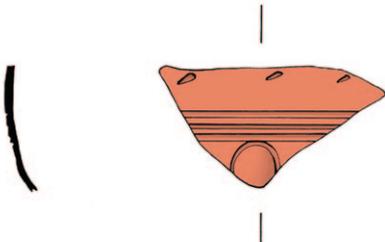


Figura 17. Peça 273 (A. Palma).

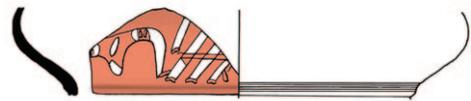


Figura 18. Peça 251 (A. S. e Castro).



Figura 19. Peça 252 (A. S. e Castro).





Figura 20. Peça 2490 (L. Sebastian).

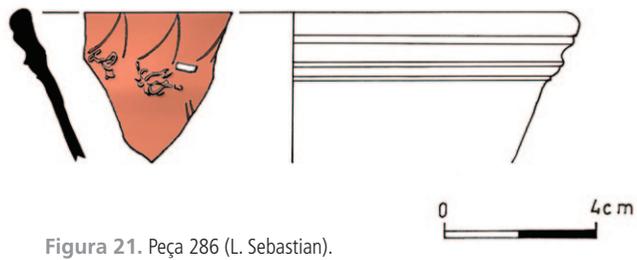


Figura 21. Peça 286 (L. Sebastian).



Figura 22. Peça 274 (A. Cabeço).

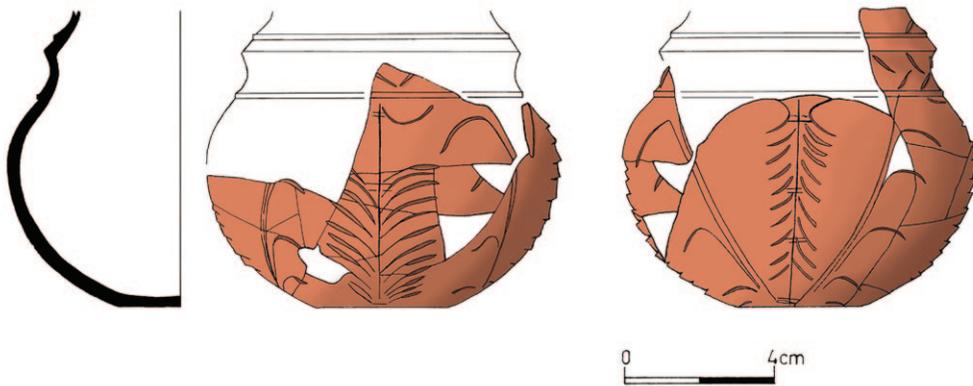


Figura 23. Peça 274 (H. Pereira).



Figura 24. Peça 275 (A. Cabeço).

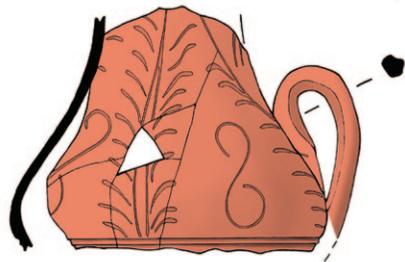


Figura 25. Peça 275 (L. Gonçalves Pereira). Cabeço.

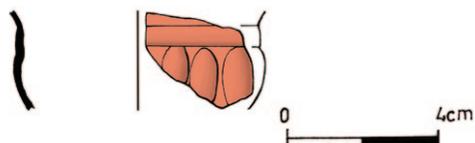


Figura 26. Peça 260 (A. Palma).



Figura 27. Peça 1695 (P. Martins).

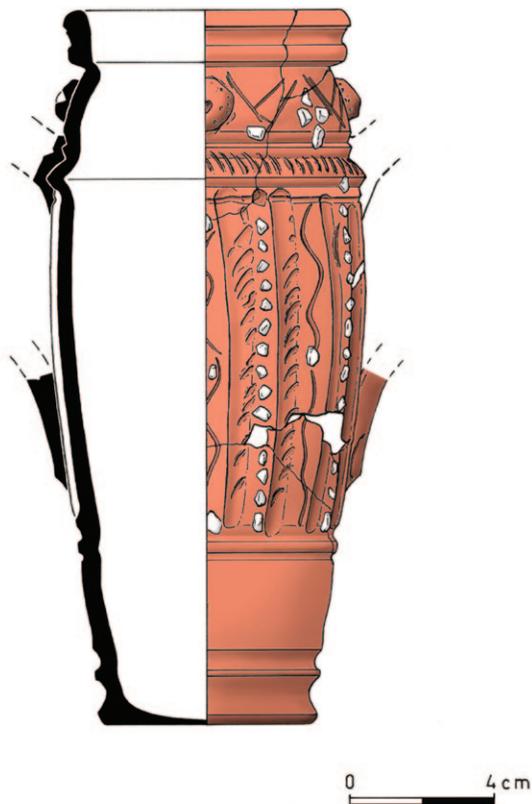


Figura 28. Peça 1695 (L. Sebastian).

(Munsell 2.5 YR 5/8) nas superfícies interiores e exteriores, bem como, em dois fragmentos, a presença de punções internas (Fig. 26).

O último grupo definido, dentro da pasta 5, excepcionalmente pertencente, como referido anteriormente, à primeira metade de seiscentos, engloba apenas uma única peça – uma jarra com duas asas. As suas superfícies são engobadas, de cor vermelha (Munsell 2.5 YR 4/8), sendo que a decoração, no exterior, é constituída por incisões, incrustações nas espessuras das paredes com quartzo leitoso e róseo com cerca de 5 mm, e quatro relevos em forma de botão, ou mamilo, por sua vez decorados segundo a técnica de “areado”, passando pela incrustação difusa de pequenos fragmentos de quartzo com cerca de 0,5 a 1 mm (Fig. 27 e 28).

3. Notas finais

As peças apresentadas, datadas na grande maioria da segunda metade de seiscentos, compõem um pequeno conjunto dentro do espólio recuperado na intervenção arqueológica em curso no Mosteiro de S. João de Tarouca, apontando-nos para uma utilização meramente decorativa, ou, em alguns casos, empregues para beber água (Vasconcellos, *ob. cit.*).

Um dos principais aspectos presentes neste conjunto é a profusão de elementos decorativos, ao qual a cronologia predominante impõe a associação ao gosto barroco da época, ainda que a jarra do grupo de fabrico 5 se afaste deste ideário. Se numa primeira impressão, a inegável natureza ostensória de algumas destas peças, aparente uma anómala contraposição à abnegação oficial da espiritualidade monástica cisterciense, esta

constatação, fragilizada pela reduzida expressão destes materiais no conjunto total, é-nos no entanto confirmada pela observação do restante espólio cerâmico exumado, patenteando em geral um indiscutível elevado investimento, cuidado e gosto a este nível, quer na comum presença de louça de importação (Castro, *ob. cit.*), quer nas excessivas quantidades de louça de produção nacional de encomenda, representada por baixelas individualizadas de uso diário, referentes ao cenóbio S. joanino em geral ou mesmo ao patronímico individual de alguns religiosos.

A persistente presença deste tipo de cerâmica em contextos monásticos, por regra abastados, comparada com a sua correspondente escassez na generalidade das intervenções arqueológicas em contextos civis, englobando heterogeneamente diversas classes económicas, remete-nos para a sua importância social, igualmente reflectida na documentação (Vasconcellos, *ob. cit.*) e iconografia da época. Assumindo-se como uma provável manifestação de gosto erudito, estatuto social e abastança, é concordante o

facto de estar presente nos achados do bairro dos judeus portugueses de Amesterdão (Baart, *ob. cit.*), sendo a sua encomenda, e subsequente exportação, sinal da sua demanda por parte de uma classe economicamente forte e desejosa de afirmação social.

4. Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer aos membros da equipa de investigação arqueológica do Mosteiro de S. João de Tarouca: Amália Conceição Martins Palma, Ana Cristina da Nova Hermínio, Liliana Gonçalves Pereira, Sérgio Daniel Monteiro Pinheiro, Teresa Cristina Monteiro Teixeira, Filipe Ricardo de Queirós Pereira, Ivo Daniel Moreira Rocha, Maria Júlia Sobral da Fonseca, João Pedro da Silva Rebelo, Hugo Filipe Vieira Pereira e Sílvia Marlisa da Silva Pereira.

Pelos registos fotográficos de espólio agradecesse aos fotógrafos António Cabeço e Pedro Martins.

5. Bibliografia

- ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Suplemento de *Biblos*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vol. VIII.
- ALVES, F. J. S.; RODRIGUES, P. J. P.; GARCIA, C.; ALELUIA, M. ALELUIA, M. (1998) - A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, Ria de Aveiro A e da zona Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. *Actas das 2.ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 185-210.
- BAART, J. M. (1992) - Terra sigillata from Estremoz, Portugal. *Everyday and exotic Pottery from Europe C. 650–1900*. Oxford: Oxbow Books, p. 273-278.
- BALFET, H.; FAUVET-BERTHELOT, M. Fr.; MONZON, S. (1983) - *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: Editions du Centre National de Recherche Scientifique.
- BARROCA, M.; CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2003) - Uma nova inscrição do século XIII no Mosteiro de S. João de Tarouca. *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. n.º 5, p. 96-105.

- BARROCA, M.; SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S. (2008) - Um “anel de oração” de século XIII no Mosteiro de S. João de Tarouca. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 10, p. 145-158.
- CASTRO, A. S. (2009) - *Cerâmica europeia de importação no Mosteiro de S. João de Tarouca (séculos XV-XIX)*. Dissertação de Mestrado em História e Arqueologia da Expansão Portuguesa, apresentado à F.C.S.H. da Universidade Nova de Lisboa.
- COSTA, M. G. (1982) - *Igreja do Convento de S. João de Tarouca*. I.P.P.C.
- CASTRO, A. S.; CATARINO, L.; SEBASTIAN, L. (2004) - Materiais líticos no quotidiano do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. n.º 7, p. 112-124.
- CASTRO, A. S.; FONSECA, J.; SEBASTIAN, L. (2004) - A componente de conservação cerâmica na intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 7. n.º 1, p. 653-669.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2002) - A intervenção arqueológica no mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2001. *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. N.º 2, p. 33-42.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2002) - Mosteiro de S. João de Tarouca: 700 anos de História da cerâmica. *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. N.º 3, p. 165-177.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2003) - A faiança de revestimento dos séculos XVII e XVIII no Mosteiro de S. João de Tarouca (Intervenção arqueológica 1998-2001). *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR – Departamento de Estudos. N.º 4, p. 168-179.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2003) - A componente de desenho cerâmico na intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 6. n.º 2, p. 545-560.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2004) - Resultado preliminar da intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998 - 2002. *Actas do Seminário Internacional Tarouca e Cister - Espaço, Espírito e Poder*. Tarouca: Câmara Municipal, p. 163-187.
- CASTRO, A. S. e; SEBASTIAN, L. (2005) - Dados para o estudo da estratégia de implantação do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Estudos/Património*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Estudos. n.º 8, p. 203-211.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2005) - Les marques lapidaires du monastère cistercien de S. João de Tarouca (Portugal). *Actes du XIVe Colloque International de Glyptographie de Chambord*. Braine-le-Château: Centre International de Recherches Glyptographiques/Editions de la Taille d'Aulme, p. 399-422.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2006) - A intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2006. *Actas do Seminário Internacional Tarouca e Cister - Homenagem a Leite de Vasconcelos*. Tarouca: Câmara Municipal, p. 125-166.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2008) - Faiança dos séculos XVII e XVIII no Mosteiro de S. João de Tarouca. *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 325-334.

- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2008/2009) - A implantação monástica no Vale do Varosa: o caso do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*. Lousada: Câmara Municipal. n.º 3, p. 115-136.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2010) - Estudo gliptográfico do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular - Promontória Monográfica*. Loulé: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. n.º 13, p. 79-90.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1998) - Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 211-256.
- FERREIRA, M. A. (1995) - O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal, p. 151-162.
- GOMES, P. D. (1996) - O livro de cozinha da Infanta D. Maria. *Olaria, Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Barcelos: Câmara Municipal. N.º 1, p. 93-104.
- LEPIERRE, C. (1899) - *Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- LIMA, A. C. P. S. (1996) - Para um levantamento das representações de objectos cerâmicos. *Olaria, Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*. Barcelos: Câmara Municipal. N.º 1, p. 87-92.
- MARQUES, C. A.; CATARINO, L.; SEBASTIAN, L. (2010) - A pedra na construção do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Oppidum-Revista de Arqueologia, História e Património*. Lousada: Câmara Municipal. n.º 4, p. 113-162.
- MOITA, I. (1964) - Hospital de Todos-os-Santos. Relatório de Escavações que mandou proceder a Câmara Municipal de Lisboa de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1968. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal. Ano XXV. N.º 101-102.
- Munsell Soil Color Charts* (1998). New Windsor: GretagMacbeth.
- ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. (1993) - *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAMALHO, M.; FOLGADO, D. (2000) - Cerâmica Comum Fina do Século XVI-XVII. Inovação ou Tradição. In *Casa do Brasil. Casa Pedro Álvares Cabral*. Câmara Municipal de Santarém. Comemoração dos 500 anos do descobrimento do Brasil, p. 39-60
- REGO, M.; SANTIAGO, M. (1993) - Cerâmicas do Século XVII do Convento de Sta. Clara (Moura). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. N.º 3, p. 19-25.
- RIBEIRO, M. (1961) - Cerâmica Popular de Nisa. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*. Madrid: C. Bermejo. Tomo XVII.
- SARDINHA, O. (1990-1992) – Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. O *Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Vol. 8/10, Série IV, p. 487-512.
- SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S. (2007) - Uma primeira proposta de reconstituição arquitectónica do Mosteiro cisterciense de S. João de Tarouca. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas-Universidade Nova de Lisboa. n.º 4, p. 142-171.

- SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S. (2008) - A faiança portuguesa no Mosteiro de S. João de Tarouca: metodologia e resultados preliminares. *Al-Madan online-adenda electrónica* [http://www.almadan.pt]. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. n.º 16, 2ª série, p. 1-33.
- SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S. (2010) - A intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca: 1998-2004. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular-Promontória Monográfica*. Loulé: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. n.º 13, p. 9-32.
- SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S. (2010) - A Faiança portuguesa no Mosteiro de S. João de Tarouca: da Restauração à Reforma Pombalina. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular-Promontória Monográfica*. Loulé: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. n.º 13, p. 57-78.
- SEBASTIAN, L.; CASTRO, A. S.; CODINHA, S. (2008/2009) - Os monges exumados na Sala do Capítulo do Mosteiro de S. João de Tarouca: séculos XVII-XVIII. Considerações histórico-geográficas, arqueológicas e paleobiológicas. *Oppidum-Revista de Arqueologia, História e Património*. Lousada: Câmara Municipal. n.º 3, p. 91-113.
- SEBASTIAN, L.; CATARINO, L.; CASTRO, A. S. (2008) - Um fosso de fundição sineira de século XIV no Mosteiro de S. João de Tarouca. In *Subsídios para a História da fundição sineira em Portugal*. Coruche: Museu Municipal de Coruche, p. 213-270.
- SEBASTIAN, L.; CATARINO, L.; CASTRO, A. S. (2010) - Utensílios líticos no quotidiano pós-medieval do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular-Promontória Monográfica*. Loulé: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. n.º 13, p. 91-109.
- SEBASTIAN, L.; LATOUR-ARGANT, C.; ARGANT, J.; CASTRO, A. S. (2008) - A implantação medieval do Mosteiro de S. João de Tarouca: Dados palinológicos. *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. n.º 10, p. 135-144.
- SEBASTIAN, L.; PEREIRA, H.; GINJA, M.; CASTRO, A. S. (2010) - O levantamento gráfico da igreja e área de escavação do Mosteiro de S. João de Tarouca. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular-Promontória Monográfica*. Loulé: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve. n.º 13, p. 43-55.
- SEBASTIAN, L.; SILVA, G.; COSTA, A. (2010) - Mosteiro de S. João de Tarouca, Projecto de Requalificação: 1998-2010. *Actas do Congresso Património 2010*. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.
- SERRÃO, V. et alii (1993) - *Josefa de Óbidos e o tempo barroco*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural/TLP. 2ª Edição.
- VASCONCELLOS, C. M. (1988) - *Algumas Palavras a Respeito de Púcaros de Portugal*. 4ª Edição. Lisboa: José Ribeiro Editor.
- VILAÇA, R. (1995) - Aspectos do povoamento da Beira Interior (centro e sul) nos finais da Idade do Bronze. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPPAR - Departamento de Arqueologia. Vol. I. N.º 9.